

EXCLUSIVO

GLAUBER

O SUPLEMENTO ESPECIAL DO FESTIVAL PUBLICA, A SEGUIR, UMA SELEÇÃO DE TEXTOS INÉDITOS (ARTIGOS, CARTAS, ANOTAÇÕES), ESCRITAS PELO CINEASTA GLAUBER ROCHA, DURANTE O SEU EXÍLIO NA FRANÇA, NA DÉCADA DE 70.

" Besteira pensar que o som cria: o espaço no cinema. As melhores bandas sonoras, depois de "L'Age D'Or", são "Cidadão Kane", "Deus e o Diabo", "Terra em Transe", "Antonio das Mortes". As de "Ivan" e "Newsky" são péssimas. Os filmes musicais de Minnelli e Cia têm um outro som, pois a música é o tema do filme. O primeiro cara que sacou isto foi Straub quando filmou "Ana Magdalena Bach"

" Godard denunciou a inutilidade do som no cinema italiano e Gianni Amico foi fazer o melhor filme musical brasileiro: "Aí vem o Samba" (Rai-Bancelloni)."

" O som do cinema italiano é o pior do mundo. Só escapam Rossellini e Antonioni que trabalham apenas com imagens".

" Buñuel despreza a cultura francesa porque sabia de tudo antes de se instalar em Paris. Buñuel não é espanhol. É mouro e seus olhos sensuais e críticos iluminam o inconsciente cultural da realidade." Digo "cultural" porque Buñuel, como um mouro que despreza o Ocidente conquistado, ataca a cultura da repressão católica e ainda desponta dos seus palácios sagrados para zombar vícios sexuais. Buñuel é o único artista católico que existiu no mundo".

" O catolicismo no século XX encontra em Buñuel o irônico de sua decadência. Os artistas do catolicismo eram fascistas que exaltavam a ideologia colonizadora. O Narciso de Michelangelo impulsionou o delírio dos Papas rumo a Eldorado, África e Ásia. Civilizações ahistóricas foram amordaçadas pela História. Toda a arte do Ocidente é integrada nesta transa criminal.

" Quando artistas como Picasso e Eisenstein se interessaram pelos povos colonizados foi apenas para instrumentalizá-los em função de suas expressões ocidentais. Buñuel é o único invasor desta cultura que opera no centro do labirinto com as portas abertas.

" Carbah Filmes e United Artists deveriam investir 20 milhões de dólares para Buñuel filmar "As Mil e Uma Noites". A mistificação que é a Capela Sixtina deixaria de existir. Gaudi chegou a enlouquecer servindo a Cristo. Salomé cortaria a cabeça de João Batista".

Memphis, 1 de Maio de 1971



" O roteiro de "A Idade da Terra" foi outra vez proibido pela Censura e Rodolfo Echeverria me declarou fora da lei. Todos os cineastas latino-americanos negaram solidariedade. Estava com febre e úlcera no quarto 418 do Hotel Camporella, Sullivan 5, México D.F., e fui criticado por Augusto Boal: — Você é um traidor! — Qual é a sua? — Suas declarações em Visão 74!!! — Sou artista! — Sou um burocrata!"

" Nelson Rodrigues me escreveu dizendo que o General Golbery tinha perguntado a ele se eu estava louco".

" Não aceito ser proibido na imprensa, nas telas, e não poder entrar no país. No dia que estiver com saudade tomo avião ou navio, salto na Bahia e no Rio, e não darei satisfações a ninguém. Se for preso, assumo responsabilidades populares, porque li e aprendi com Graciliano Ramos, antes de escrever poesia concreta ou mastigar estruturalismos."

" A situação atual do Cinema Brasileiro é catastrófica como em 1962. Quinze anos de Cinema Novo convertidos em comerciais da Globo!"

" A praça é do povo como o céu é do Urapuru. Tem rima rica Marieta! Pelé, por exemplo, é um picareta! No Terceiro Mun-

ficantes controlar nossas Letras e Artes?"

" Pra ganhar a vida preciso escrever e a verdade é mercadoria valiosa porque inédita. O que é a amizade? Estou disposto a ser escutado publicamente pelo Gustavo Dahl, por exemplo, que me conhece profundamente. Gostaria de ler um artigo de Caetano Veloso escutando Glau-ber Rocha. Estas polêmicas seriam profilá-ticas para a cultura brasileira. A democra-cia é uma conversa dialética privada e pú-blica. Crítica dialética não é esculhamba-ção, mas o intelectual pequeno burguês tem medo do píxe jornalístico. Medo do es-crache. Esmoler do elogio.

" Não dou a menor importância à crítica cinematográfica porque parto do princípio que, sendo crítico e cineasta, saco mais de cinema que qualquer crítico que não fez um filme."

" Eu precisava falar na TV. O fascismo dirá que sou um perigo nacional. Recuso ser ligado ao mal. Longe da Morte. Tive que chegar à miséria pra descobrir minha identidade. Sou o Vosso Cristo mas não devo ser crucificado".

" Escrevi em 1965 uma tese antropológi-ca que fez sucesso mundial. Chamava-se "A Estética da Fome" (ou da Violência) e foi apresentada no I Congresso do Terceiro Mundo, em Genova. A Revolução é um ato de Amor e não de Violência. Discordo de Lenin, de Mao, de Guevara. O Sangue não purifica. O que revoluciona são as Idéias e não as Armas. Não quero lavar meu corpo e alma no sangue dos fascistas. Todos Pro-fetas da Paz foram assassinados mas é pre-ciso quebrar este ciclo de violências. Mui-tos machistas dirão: não quer brigas por-que é frouxo. Os loucos encontram na mor-te o máximo de prazer. Os lúcidos encon-tram o prazer na vida. A Revolução é fun-damentalmente a luta contra a morte dos amigos e dos inimigos".

" E como o cinema morreu a literatura renasce. Nelson Rodrigues berrava na pis-cina de Zelinda Lee: — A maior prova de que Marx está errado é a seguinte: o judeu alemão diz que a História avança. Mentira.

" Ontem tínhamos Shakespeare, hoje temos Dias Gomes! Nelson Rodrigues é um gênio ciumento. Quando escrevia com ele, 1965, o roteiro de "Senhora dos Avoga-dos", ele me disse: — Jorge Andrade é um bolha! Ariano Suassuna é um primário! Sou machadiano e miguelangesco!"

" Um dia, em 1970, veio alguém me procu-rar pra fazer um filme pra Shell. Trinta milhões. Respondi que a Shell era americana. Que eu estava disposto a fazer de graça um filme pra Petrobrás. O sujeito me respondeu que a Shell era holandesa. Que a Shell e Es-so controlam a cultura brasileira. Onde está o Ministério da Educação e Cultura que per-mite a duas companhias de gasolina e lubri-

Paris, 17 de novembro de 1975